

REDES EDITORIAIS AFRO-BRASILEIRAS: linhagens e procedimentos

Ana Cláudia Muniz Soares VALÉRIO¹Luiz Henrique Silva de OLIVEIRA²

RESUMO

Este trabalho resulta de uma pesquisa no âmbito da iniciação científica realizada no CEFET-MG. Com o objetivo de estudar a trajetória evolutiva do romance afro-brasileiro, é analisado o papel das redes de edição para a consolidação e permanência desta linhagem narrativa em nossa literatura.

Palavras-chave: Redes editoriais. Linhagens. Procedimentos.

1 PALAVRAS INICIAIS

Este trabalho resulta de uma pesquisa no âmbito da iniciação científica realizada no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Esta pesquisa examina a trajetória evolutiva do romance afro-brasileiro, analisando o papel das redes editoriais articuladas por este coletivo populacional. A hipótese é a de que as redes foram decisivas para a consolidação e permanência desta linhagem narrativa em nossa literatura. Cinco elementos definem a chamada literatura afro-brasileira: autoria; ponto de vista; temática; linguagem; e leitor (DUARTE, 2008). As redes editoriais auxiliaram a formar um dos elementos indispensáveis a esta literatura: o leitor afro-brasileiro. Também foi levado em conta o conceito de “sistema literário” (CANDIDO, 1959). Esta pesquisa fundamenta sua perspectiva de abordagem num referencial teórico interdisciplinar, partindo de contribuições dos Estudos Literários, da História, da Sociologia e dos Estudos Culturais. A pesquisa, portanto, será predominantemente bibliográfica, levando em conta as fontes de apoio teórico e o *corpus* literário.

Antonio Candido (1959) propõe o conceito de sistema literário, na formação da

¹ Graduanda em Letras – Tecnologias de edição – pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) e graduanda em Fotografia – Tecnólogo pela Universidade Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC). Participa do PIBIC no CEFET-MG. Membro do Grupo de Estudos de Processos de Criação e Circulação de Produtos Editoriais Luso-Afro-Brasileiros (GEPCC-PELAB), do CEFET-MG.

² Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (2013) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde também realiza pós-doutoramento. Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Autor de **Poéticas negras** (2010) e **Negrismo** (2014).

literatura brasileira, um estudo de investigação do processo de constituição desse sistema no Brasil, sua formação. Candido procura, com esse conceito, apontar, em seu livro **Formação da literatura brasileira**, de 1959, o surgimento das obras não como fenômeno pontual, expressão individual, mas como um evento de natureza sociológica, relacionado ao contexto social e/ou ideológico em que as obras foram formadas.

Ao tratarmos de apropriações da teoria de Candido (1959) na área de literatura, percebemos, com nossa pesquisa, um processo de inclusão do afro-brasileiro como participante decisivo na formação de nossa literatura, a partir de vários fenômenos sociológicos, as redes editoriais afro-brasileiras. Por redes editoriais afro-brasileiras entendemos o papel da imprensa negra, responsável por formar diversos intelectuais e escritores; os coletivos e séries literárias, como o Quilombhoje e Cadernos Negros, respectivamente, os quais reuniram escritores experientes e jovens em mais de trinta e cinco edições; as publicações dos próprios autores, as quais parecem destoar das linhas de atuação de editoras comerciais; e o apoio de editoras especializadas no campo da literatura afro-brasileira, como Mazza, Selo Negro e Nandyala.

O que parece sugerir, então, é que estes fenômenos são relacionados – sistema de obras em torno de uma nacionalidade e formação de grupos de produtores e receptores. Com estabelecimento de formas de produção, circulação e recepção literárias há um período de afirmação da identidade negra, em diversos âmbitos da vida social.

Para Antonio Candido (1959), além das características internas (língua, temas, imagens), existem elementos de natureza social e psíquica, organizados do ponto de vista cultural, que se manifestam no tempo e no espaço e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre estes elementos, o estudioso defende o tripé “autor, obra, público” para a formação do sistema literário:

a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, fornecendo os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos) que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece, sob este ângulo como sistema simbólico (CANDIDO, 1971, p. 23).

Contudo, a considerarmos o tripé proposto por Candido (1959), notamos que falta ainda destacar mais um elemento, talvez o elemento de ativação desta tríade. Em

nossa pesquisa, percebemos que, do ponto de vista da conformação da literatura afro-brasileira, as redes editoriais negras cumpriram decisivos papéis, com destaque para: a integração entre produtores e leitores; a criação de meios para a descoberta de autores; a viabilização de publicações de várias ordens; a criação de espaços de fala e reivindicação na cena pública; a formação do público leitor negro; e a garantia de existência de grupos menores, determinadas linhas temáticas e procedimentos literários.

A visão de Candido (1959) adota um critério classificatório, qual seja a constituição da literatura como atividade regular na sociedade, mas o que vemos no âmbito da produção literária dos afrodescendentes (materializada em livros ou não) é a dificuldade de uma continuidade imposta pelo preconceito, pela pobreza, pelos dilemas sociais e pela resistência do mercado editorial em absorver uma produção literária outra e capaz de questionar os pilares da nação. Considerando o sistema literário de Candido (1959), só se permite afirmar a existência de uma literatura afro-brasileira a partir de **Cadernos Negros**³, justamente porque o sistema se estabelece como atividade regular. E como um coletivo oprimido ao longo da história consegue se articular perenemente? Como passar por cima de Estado Novo, ditadura militar e outros momentos autoritários?

Será, justamente, o surgimento dessas redes editoriais específicas que romperá a dificuldade de se ter uma produção regular, por desejo de resgatar a história do povo negro, passando pela memória de luta contra a escravidão, com a denúncia do preconceito e suas consequências, até chegar à discussão do lugar do negro na sociedade de classes, focando em seu valor, sua ancestralidade e com o objetivo fundamental de fornecer educação para essa parcela da sociedade tão prejudicada.

Então, autor, obra e público se unem às redes editoriais, sejam elas perenes ou não, mas, em conjunto, sempre presente na história brasileira, para que se forme o sistema literário afro-brasileiro, uma organização que não impede o surgimento de obras diversas em toda sociedade.

Por redes de edição, entendemos aqui um conjunto de esforços múltiplos no campo da escrita, os quais viabilizaram espaço para a escrita do sujeito negro. Dentre essas redes, destacamos: o periodismo exercido por afrodescendentes nos jornais

³ A série **Cadernos Negros**, criada em 1978, é o principal veículo, no Brasil, de produção literária afro-brasileira. A publicação nasceu da necessidade de visibilizar o negro, torná-lo protagonista da sua própria história. No projeto inicial estão os escritores Cuti e Hugo Ferreira. Desde 1983, a publicação anual dos **Cadernos Negros** é viabilizada pelo grupo Quilombhoje e a colaboração de diversos escritores e poetas.

diversos desde o século XIX (a chamada **Imprensa Negra**); os coletivos de escritores; como o **Quilombhoje**; as séries literárias, como os **Cadernos Negros**, já em sua 36ª edição; a atuação das editoras especializadas, como **Selo Negro/Summus**, **Mazza** e **Nandyala**; e as edições dos próprios autores. Todos esses foram iniciativas determinantes tanto para a gestação de intelectuais e romancistas negros, quanto para o surgimento de textos diversos pelo segmento étnico em questão.

Estas redes de edição irão subverter a ordem no campo editorial estabelecido, que não cediam espaço aos textos de marcas identitárias negras, pois estes não atendiam às necessidades e interesses de tradição ocidental etnocêntrica e hegemônica. Ao ceder espaço aos autores negros, as redes editoriais formam um novo segmento de escritores, leitores e obras, contribuindo para a construção da identidade de um povo, compondo outra face para a literatura nacional. Todos esses exemplos configuram o resultado da atividade de grupos que optam por modificar o sistema brasileiro de produção cultural. Suas produções reivindicam a inscrição de suas vozes, experiências e ancestralidade no espaço que também os pertence, apesar da tradição de preconceitos e dificuldades impostas a eles.

O conteúdo presente nestas redes editoriais aborda a luta contra a dura realidade de injustiças sociais, rompendo contra o lugar comum estabelecido pela cultura dominante ao negro até então. Tratar das questões sociais dos afro-brasileiros é, nessa medida, missão e função dessas organizações editoriais. Elas irão reivindicar direitos, valorizar a cultura negra, buscar a educação dessa população, ressignificar imagens, combater estereótipos e divulgar os heróis negros de nossa história. Conseqüentemente, procuram desenvolver uma espécie de “**gostar-se negro**”.

As redes editoriais afro-brasileiras, acreditamos, irão oferecer, muitas vezes, o primeiro contato de negros com poesias, textos e histórias de temática negra, ao colocar em circulação essas produções em jornais ou livros. A **Frente Negra Brasileira**, por exemplo, ao buscar a educação para essa parcela da população tão prejudicada, ajudou na conscientização maior do negro como pessoa de valor e com potencial para ser o que almejasse. O coletivo de escritores **Cadernos Negros** representa a luta para a superação das desigualdades raciais, em um percurso de vinte sete anos de produção coletiva de autores afro-brasileiros. E as editoras especializadas, como Mazza, Selo Negro e Nandyala, que alteram a ordem do mercado e dão espaço para que autores negros

representem seu povo e mostrem seu valor, além das edições dos próprios autores, foram e são de grande importância para a representatividade do negro na sociedade brasileira. A intelectualidade negra cresceu à medida que as publicações aumentavam e alcançavam mais esse grupo, mostrando e dando oportunidade para o negro acreditar em si. Nasce, com a produção literária negra, a esperança dessa população.

Vamos, portanto, analisar o papel de algumas dessas redes.

2 A IMPRENSA NEGRA

A **imprensa negra** caracterizou-se por ser um órgão jornalístico organizado por negros, que se posicionou frente à sociedade dominante, para dedicar-se a essa população, a partir do século XX, período ulterior à abolição da escravatura no Brasil.

Nesse momento, após três décadas de liberdade, a comunidade conseguiu articular-se socialmente para buscar espaço, reivindicar direitos e apresentar ideias. Segundo Roger Bastide (1973), os jornais publicados procuravam, primeiramente, agrupar os homens de cor, dar-lhes senso de solidariedade, encaminhá-los, educá-los a lutar contra o complexo de inferioridade, superestimando seus valores, além de exaltarem a importância de seus eventos e agremiações sociais.

Os jornais, que constituem a **imprensa negra**, surgiram porque os negros, que não tinham sua própria imprensa, queriam comunicar suas reivindicações, o que os outros jornais não aceitavam. Evidencia-se, então, que o negro não era tratado em pé de igualdade com o branco.

Em geral, grande parte dos jornais tinha vida curta ou periodicidade inconstante, por serem mantidos pelos escassos recursos dos grupos negros, identificando, assim, a também instabilidade socioeconômica desses grupos. Grupos que representavam uma contribuição significativa pelos interesses nos problemas dos negros empobrecidos.

Tais problemas se caracterizavam, principalmente, pela existência do preconceito e a situação miserável da raça, que está em grande parte ligada à cor de pele. O preconceito de cor era notado na vida profissional, no ambiente escolar, na rua, nos ambientes de lazer etc. E, mesmo que, às vezes, sem forma evidente, “o fato é que o preto, com ou sem razão, sente que sua ascensão na escala social é perturbada pela existência de tal preconceito” (BASTIDE, 1973, p. 137).

Essas situações desenvolveram no negro um complexo de inferioridade e o objetivo da imprensa era dar ao negro confiança em si mesmo, fazer desaparecer esse sentimento de inferioridade. Por isso houve, então, a valorização de tudo o que é negro e a valorização fundamental da educação do negro.

A presença, nos jornais, de artigos históricos, biografias de grandes homens, seção literária, tem grande importância, como afirma Bastide (1973). Atingiram o objetivo de mostrar à cena pública a inteligência do negro brasileiro. A abundância de poemas, contos, crônicas foi capaz de fazer nascer no leitor um clima de otimismo para as futuras possibilidades da raça. As páginas de protestos fizeram-se páginas de esperança de uma raça.

Como exemplos da atuação desses jornais, optamos por analisar brevemente alguns deles.

2.1 O Menelick

Em 1915, em plena Primeira Guerra Mundial, fundado pelo poeta negro Deocleciano Nascimento, surge o primeiro jornal negro: **O Menelick**. O título se deve “[...] ao fato da Etiópia ter sido o primeiro país independente da África, e Menelick um de seus imperadores, além do fato de que no Brasil, principalmente em São Paulo, os italianos apelidaram os negros de ‘menelick’”. (FERRARA, 1985, p. 200).

O jornal **O Menelick** teve grande repercussão em São Paulo. Ele se intitulava, em suas páginas, como um “órgão noticioso, literário e crítico dedicado aos homens de cor” (O MENELICK, 1916, p. 1). Como podemos notar, na edição de 1º de janeiro de 1916⁴, há a presença da carta ao leitor, um conto e uma poesia.

O conto, de tema **Episódio da Revolta da Ilha de São Domingos** e autoria de Marcus Primus (1916, p. 1-2), relata a revolta de São Domingos ou Revolução Haitiana, que contribuiu para a independência do Haiti, proclamada em 1804. Influenciada pela Revolução Francesa, essa independência aconteceu em um período de conflito brutal na colônia de Saint-Domingue, levando à eliminação da escravidão, por isso foi uma revolta de escravos bem-sucedida. Como podemos ver no trecho:

⁴ Ver Anexo 1, p. 147.

aquella turba, louca pelo desejo da liberdade – liberdade, esta palavra santa que todos os captivos ao ouvirem-na estremeçam, desejam-na ardentemente, que sacrificam-se por ella, dando até a própria vida! Que é tudo para elles. Que é Deus, mãe, família, pátria, tudo! Esta faz despertar em seus ânimos exaltadoso instíncto sanguinario que estava sofregado por brutos. (PRIMUS, 1916, p. 1).

O leitor, então, toma conhecimento de um momento histórico, com a ajuda do jornal, que mostra que a construção de movimentos de libertação e poder são possíveis, já que o passado ajuda a compreensão e construção do futuro.

O conto também mostra ao leitor um contexto parecido com aquele vivido por ele, o negro, por ter características sociais e políticas de desigualdade. E a luta contra esse preconceito racial é avivada pelo pensamento da possível superação por parte do negro.

O Menelick (1916) estreia a imprensa negra, trazendo à tona as desigualdades raciais existentes, informando e dialogando com a população através de denúncias sobre a discriminação. Seja ela vinda por meio de um conto ou uma notícia.

2.2 O alfinete

O Alfinete foi editado pela primeira vez em 1915, com periodicidade quinzenal. Em seguida, foi retomado em 1918, perdurando até 1921, com periodicidade mensal. Era um espaço aberto para a expressão de ideias da comunidade, com objetivos de estabelecer um certo padrão para o comportamento dos negros. **Alfinetando** de diferentes formas, exercia controle social através do mexerico e das críticas. (FERRARA, 1985, p. 200-201). Configurando uma característica comum em grande parte dos jornais da imprensa negra, a prescrição de condutas e o incentivo a determinadas ações sempre estavam presentes em **O Alfinete**. Como por exemplo:

Carta sem cor

Devemos nos preocupar menos com o passado da raça, tratando agora de educá-la, preparando-a para as formidáveis lutas de amanhã.
O passado foi horrível e o presente péssimo; que devemos esperar do futuro?
Tudo, se tivermos o livro por escopo; nada se continuarmos o culto das tabernas! (FLORENCIO, 1921, p. 2-3).

A primeira edição do jornal **O Alfinete**, de 8 de maio de 1915, em São Paulo,

mostra a presença de motivações literárias. A coluna **Arquivo do Alfinete**⁵ (O ALFINETE, 1915, p. 5) sugere que os títulos são textos recolhidos nos grupos negros para futura publicação no próprio jornal, configurando, assim, um arquivo literário de autores que anteriormente não tinham essa ajuda e motivação. E, logo em seguida, a presença de um conto, com temática melancólica, mas com uma escrita admirável. É a página de **O Alfinete** mostrando valorizar a escrita negra.

2.3 Clarim da Alvorada

O Clarim da Alvorada surgiu em janeiro de 1924, mas circulou até abril do mesmo ano com o nome **O Clarim**. Fundado pelos jovens militantes Jayme de Aguiar e José Correia Leite, era editado na cidade de São Paulo, mas também teve circulação em outras cidades do interior e outros estados, como por exemplo: Botucatu, Sorocaba, Rio de Janeiro e Bahia.

O Clarim da Alvorada fez parte de uma nova fase da imprensa negra, pois naquele momento a imprensa passou a contar com jornais estáveis e com uma tiragem maior do anteriormente. **O Clarim da Alvorada** procurava trazer notícias e opiniões de negros intelectualizados que problematizavam o papel do negro, relacionando-o na construção da nação brasileira. Segundo Francisco (2008, p. 4), “Na edição de junho de 1924, Moyses Cintra fala da educação e da necessidade de uma sociedade beneficente para negros”, a saber:

Dentre taes promessas que os senhores leitores tiveram a oportunidade de ler, em nossos números passados, é que sempre temos preocupado proclamar que necessitamos formar sociedades beneficentes, educativas para que, não vivamos por mais tempo em completo atrazo, como até presentemente.

Tudo isso por causa do nosso desleixo... Portanto, quanto antes devemos pensar que não temos sociedades que tratem dos nossos interesses, que é de crenças uma verdadeira união. [...] (O CLARIM, 22 jun. 1924 apud FRANCISCO, 2008, p. 4).

Em muitos artigos do jornal, a educação é valorizada e tida como o caminho para a ascensão social dos negros, comumente eram invocados os exemplos de Luiz Gama, José do Patrocínio, Cruz e Souza, dentre outros, como símbolo da importância da

⁵ Ver Anexo 2, p. 148.

educação.

2.4 A voz da raça

Fundado em 1933, circulando até 1937, porta voz da **Frente Negra Brasileira**, **A voz da raça** é apontado pela historiografia, segundo Alex Benjamim de Lima, como um dos jornais mais importantes e significativos no meio negro, por sua organização, estrutura, prestígio político-social e longevidade.

Benjamim afirma que, ao longo de sua existência, **A voz da raça** se esforçava em divulgar e arregimentar a coletividade negra em prol da inclusão por meio da valorização étnica, além de um nacionalismo que perpassara questões como a história e memória do negro como protagonista.

A entidade **Frente Negra** editava o **A voz da raça**, um jornal com lema “**Deus, pátria, raça e família**” e o jornal era considerado o porta voz da Frente Negra. Diante disso, analisaremos brevemente o papel desta entidade como rede editorial. A **Frente Negra Brasileira (FNB)**, considerada a maior e mais importante entidade negra após a abolição da escravatura, surgiu em 1931 sob a presidência de Arlindo Veiga do Santos. Como uma associação recreativa e beneficente, exercia atividades na esfera política. Em um cenário onde também florescia a imprensa negra, a FNB tinha como princípio a missão de resguardar a integridade do cidadão negro brasileiro.

Além das discussões políticas em suas reuniões, ela vislumbrava, na educação, a solução para os problemas da “**gente de cor**” na sociedade brasileira. Concebia a educação como a maneira para o negro ganhar respeitabilidade e reconhecimento, habitá-lo para a vida profissional, conscientizar-lhe melhor dos seus problemas e combater o preconceito.

Surgiram filiais em alguns estados do Brasil, não significando, porém, maior centralização institucional. A ideia da Frente Negra era transformar São Paulo em pólo de disseminação de um projeto político e social que tinha como finalidade ser rigorosamente brasileiro. A conscientização proposta do que era raça e do que era raça brasileira caracterizava uma aproximação com a maneira de o regime nazista alemão louvar seus arianos.

À medida que a FNB adquiria maior representatividade no cenário nacional,

surgiu a ideia de se transformar em partido político, conseguindo em 1936, depois de um longo processo de pressão política. Mas, em 1937, o Estado Novo de Getúlio Vargas cessou a legalidade dos partidos políticos.

Em quase todas as edições, encontrava-se alusão ao quadro de carência educacional da população negra e a necessidade de ela instruir-se: “Negros, negros, ide para a escola, aprender, aperfeiçoar no manejo das letras alfabéticas para que possais, amanhã, tirar o melhor partido delas, para a glória do Brasil e de vossa raça oprimida” (A VOZ DA RAÇA, 3 fev. 1934, p. 4 apud DOMINGUES, 2008b, p. 523).

3 CAMPANHAS DE ALFABETIZAÇÃO PROMOVIDAS PELA FNB

O departamento de Instrução, também chamado de **Departamento de Cultura ou Intelectual**, foi o maior e mais importante departamento da FNB. Era responsável pela área educacional e conclamava: “Eduquemos mais e mais os nossos filhos, dando-lhe uma educação e uma instrução de acordo com suas aspirações” (A VOZ DA RAÇA, 28 out. 1933, p. 2 apud DOMINGUES, 2008b, p. 522). O conceito de educação da entidade era amplo: compreendia tanto o ensino pedagógico formal quanto a formação de cultura e moral do indivíduo. (DOMINGUES, 2008b, p. 522). Já o conceito de instrução era mais específico: de alfabetização ou escolarização, de acordo com Petrônio Domingues (2008b, p. 522).

Assim, a FNB criou várias escolas para a alfabetização de crianças, jovens e adultos, além de escolas primárias, de língua e de música. O “curso de alfabetização funcionava na sede da entidade. Era destinado a todos os negros (‘menores’ e ‘adultos’), associados ou não à entidade, no período noturno” (DOMINGUES, 2008b, p. 524). Em 1934, passou a oferecer, também, o curso primário. Os professores eram tidos como “‘mestres sacerdócios amáveis’, [...] ‘fiéis discípulos [...] a luz do saber’” (A VOZ DA RAÇA, 27 jun. 1933, p. 3 apud DOMINGUES, 2008b, p. 523).

De acordo com Petrônio Domingues (2008b), “As lideranças fretenegrinas valorizavam a prática da leitura. O livro e a biblioteca eram concebidos como valiosos instrumentos de elevação intelectual e cultural da ‘população de cor’” (DOMINGUES, 2008b, p. 528). Segundo o autor, Rajovia havia expressado no jornal **A voz da raça** que “‘Hoje, admiravelmente se vê desde o menino até o adulto receber o livro como um pão

celestial” (A VOZ DA RAÇA, 8 jul. 1933, p. 2 apud DOMINGUES, 2008b, p. 528). A importância do livro era também defendida por João B. Mariano que acreditava que “para a vitória final da raça negra no Brasil, duas coisas são indispensáveis: o livro e a união” (A VOZ DA RAÇA, 17 jun. 1933, p. 4 apud DOMINGUES, 2008b, p. 528).

A FNB também organizou uma biblioteca, por meio de doações dos associados. Lançaram campanha para a criação de uma biblioteca infantil, cogitaram criar um centro de estudos e, “Por fim, ventilaram de criar um ‘Clube dos Intelectuais’, para reunir ‘estudiosos’, ‘poetas, jornalistas ou escritores’ negros. Além de espaço de intercâmbio social e cultural, o Clube almejava garantir a publicação tanto de um de um jornal literário como de livros dos intelectuais negros” (A VOZ DA RAÇA, ago. 1937, p. 1 apud DOMINGUES, 2008b, p. 529).

4 CADERNOS NEGROS

A primeira edição dos **Cadernos Negros** foi lançada em 1978, em um contexto de muitas mudanças no Brasil. O fim dos anos de chumbo, o fim da ditadura militar, com estabelecimento do Ato Institucional N-5 (AI-5) e em ano de eleição, os sindicatos e movimentos estudantis estavam em período de reconstrução ideológica e de luta política. Além disso, marcava noventa anos de assinatura da Lei Áurea.

O negro, nessa época, começava a entrar nas universidades, permitindo, assim, o maior contato com a produção cultural: cinema, literatura, teatro – o que sua geração anterior tinha com mais dificuldade.

Com esse momento de engajamento político e envolvimento com bens culturais, nasceu a necessidade de auto-reconhecimento, do encontro com as raízes, de busca de identidade. Entretanto, esses jovens universitários eram exceções, pois a grande maioria da juventude negra ainda não tinha acesso aos bens culturais.

O jovem negro que entrava nas universidades e não encontrava ali representantes de seu povo na literatura, na sociologia, nos estudos históricos se pergunta o porquê dessa realidade. O senso comum, até então, era de que o negro não produzia literatura e conhecimento. Apesar de existirem exemplos dessa produção literária, como Solana Trindade, Abadias Nascimento, Lino Guedes, entre outros, isso não era o bastante. O negro queria estar além da presença como temática, ele ansiava por ser agente da

construção de sua trajetória na literatura. Havia a necessidade de ser a própria voz e ser voz daqueles que não tinham voz.

Os estudantes que queriam fazer sua própria literatura encontraram, no caminho, opositores. Pessoas que afirmavam que não havia preconceito no Brasil. E, mesmo dentro do movimento negro, havia quem dissesse que literatura era coisa de burguês. Mas, mesmo em meio a tanta oposição, Cuti⁶ e seus companheiros seguiram em frente, para que o negro se representasse e para que o branco fosse visto de outro ponto de vista.

Nasceu, então, **Cadernos Negros**, em meio à necessidade de autorretratação e efervescência político-cultural. A ideia de **Cadernos** era exatamente para a produção literária feita por negros, para reproduzirem seu cotidiano, suas dores, amores, ideais; para que pudessem experimentar estilos e formas de literatura.

O nome **Cadernos Negros** surgiu pelo fato de que Carolina Maria de Jesus⁷, que tinha morrido em 1977, escrevia em cadernos. Cadernos representavam força para eles, que também escreviam em cadernos. Então, a antologia de poesias feita por afrodescendentes chamou-se **Cadernos Negros**. A primeira publicação contou com a participação de Celinha, Oswaldo de Camargo, Eduardo de Oliveira, entre outros. O lançamento do primeiro número dos **Cadernos** aconteceu no Festival Comunitário Negro Zumbi, em Araraquara, com a presença de duas mil pessoas naquele ano de 1978. Mas houve também o lançamento voltado pra um público de caráter unicamente literário, com 50 pessoas, em um ambiente frequentado pela elite cultural.

Apesar da afinidade ideológica de Cuti e Hugo, houve o momento de trilharem caminhos diferentes. Hugo era visto por alguns membros do grupo como panfletário, por não desagregar a literatura da política, por seu desejo que os **Cadernos** alcançassem o público não-formado apenas por universitários e que os textos publicados não fossem

⁶ Cuti é pseudônimo de Luiz Silva. Nasceu em Ourinhos/SP, em outubro de 1951. Formou-se em Letras (Português-Francês) na Universidade de São Paulo, em 1980. Mestre em Teoria da Literatura e Doutor em Literatura Brasileira pelo Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp (1999/2005). Foi um dos fundadores e membro do Quilombhoje-Literatura, de 1983 a 1994, e um dos criadores e mantenedores da série Cadernos Negros, de 1978 a 1993.

⁷ Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento/MG, em 1914, e faleceu em São Paulo/SP em 13 de fevereiro de 1977. Foi autora de diários e romances e também poeta. Sua escolaridade se resume aos dois anos que frequentou o Colégio Allan Kardec, em 1923 e 1924. Carolina revelou através de sua escritura a importância do testemunho como meio de denúncia, da desigualdade social e do preconceito racial. Sua obra mais conhecida, com tiragem inicial de dez mil exemplares, esgotados na primeira semana, e traduzida em 13 idiomas nos últimos 35 anos é "Quarto de Despejo – Diário de uma favelada". Após sua morte, são editadas obras escritas entre 1963 a 1977, das quais a mais significativa é Diário de Bitita, com suas memórias de infância e juventude, inicialmente lançada na França.

somente de autores já conhecidos.

Os autores dos **Cadernos** se reuniam para discutir os próprios textos, que seriam publicados, e textos de outros autores, discutindo, assim, literatura. Esse grupo de discussão era formado por Cuti, Oswald de Andrade, Abelardo Rodrigues e Paulo Colina. Desses encontros nasceu o nome **Quilombhoje**, para o grupo que discutia o papel do negro na literatura brasileira. O **Quilombhoje** tinha atividades separadas dos **Cadernos**, mas mantinham relação estreita, pois os autores escreviam para os **Cadernos** e discutiam suas produções no grupo. Novatos do grupo que foram surgindo, começaram a ajudar Cuti nos **Cadernos Negros**. Divulgavam mais os **Cadernos** e tornaram-no mais popular, juntamente com o **Quilombhoje**. Com o passar do tempo e com algumas divergências, o **Quilombhoje** iniciou em 1983 uma nova formação.

Um tempo depois, cada membro do grupo teve a oportunidade de publicar seu livro individualmente, feitos de forma cooperativa, sem patrocínio. Postura que perdura até os dias de hoje.

A série **Cadernos Negros** representa a possibilidade de autores afrodescendentes publicarem seus textos, de forma econômica e organizada por pessoas de interesse em comum, superando limites existentes no mercado editorial e inspirando novas gerações de leitores e escritores no Brasil. A importância histórica e social que ele tem na literatura afro-brasileira se dá pela força dos negros na literatura brasileira que revelou e revela. Através do **Quilombhoje** e dos **Cadernos Negros**, mulheres e homens têm perpetuado a cultura e a raiz afro-brasileira. Exercendo papel de resistência, arma de luta.

5 PALAVRAS FINAIS

Neste momento da pesquisa, ainda nos falta analisar o papel das editoras especializadas, como **Selo Negro**, **Mazza** e **Nandyala**. Falta-nos também analisar o impacto das publicações dos próprios autores para a configuração das redes editoriais negras. Porém, provisoriamente, os resultados dessa pesquisa apontam que as redes de edição, se pensadas enquanto articulações no tempo e espaço, contribuiriam para a alteração do cenário editorial brasileiro. Ainda que de maneira tímida, mesmo após a Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que inclui o ensino sobre História e Cultura Afro-

Brasileira nas escolas do Brasil, encontramos maior quantidade de textos escritos por afro-brasileiros. É preciso fortalecer essas redes editoriais por meio não só da ampliação do público leitor, mas também por meio de políticas públicas setoriais no âmbito da diversidade cultural.

AFRO-BRAZILIAN EDITORIAL NETWORKS: lines and procedures

ABSTRACT

This work results from a survey as part of the scientific research conducted at CEFET-MG. In order to study the evolutionary trajectory of african-Brazilian novel is analyzed the role of edition of networks for the consolidation and permanence of this narrative line in our literature.

Keywords: *Editing networks. Lineage. Procedures.*

REFERÊNCIAS

ARQUIVO PÚBLICO DE SÃO PAULO. Acervo. Repositório digital. Bibliográficos e periódicos. Jornais e revistas. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/jornais_revistas>. Acesso em: 10 set. 2014.

BASTIDE, R. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 10 jan. 2003. p. 1. [recurso eletrônico]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 01 nov. 2014.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. São Paulo: Martins, 1959.

CANDIDO, A. **A formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 4. ed. São Paulo: Martins, 1971. 2 v.

DOMINGUES, P. **A nova abolição**. São Paulo: Selo Negro, 2008a.

DOMINGUES, P. Um "templo de luz": Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 39, p. 517-534, set./dez. 2008b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n39/08.pdf>>. Acesso em: 10 set.

VALÉRIO, A. C. M. S.; OLIVEIRA, L. H. S. de. Redes editoriais afro-brasileiras: linhagens e procedimentos. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 2, p. 132-148, dez. 2015.

2014.

DUARTE, E. de A. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 31, p. 11-23, jan./jun. 2008. Disponível em: <file:///E:/Documents/Downloads/Dialnet-LiteraturaAfrobrasileira-4846151.pdf>. Acesso em: 10 set. 2014.

FERRARA, M. N. A imprensa negra paulista (1915/1963). **Rev. Bras. de Hist.**, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 197-207, mar./ago. 1985. Disponível em: <file:///E:/Documents/Downloads/miriamferrara%20(4).pdf>. Acesso em: 10 set. 2014.

FLORENCIO, B. Carta sem cor. **O Alfinete**, São Paulo, Ano 4, n. 77, 11 nov. 1921, p. 2-3. (Os documentos originais pertencem ao acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo).

FRANCISCO, F. T. R. Reinventando a raça: formulações identitárias nas páginas de O Clarim da Alvorada. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES E PROFESSORES DE HISTÓRIA DAS AMÉRICAS (ANPHLAC) (Org.). ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 8., 2008, Vitória/ES. **Anais eletrônicos...** Vitória/ES: ANPHLAC, 2008. p. 1-22. Disponível em: <http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/flavio_thales_ribeiro_francisco.pdf>. Acesso em: 07 out. 2014.

O ALFINETE. Jornal de crítica de publicação quinzenal. São Paulo, Ano 1, n. 1, 8 maio 1915. 6 p. (Os documentos originais pertencem ao acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo. [Fundo] Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. São Paulo, [Data coleção] 1915-1915). Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/periodicos/jornais/BR_APESP_IH_GSP_003JOR51305.pdf>. Acesso em: 10 set. 2014.

O MENELICK. Jornal de origem mensal, noticioso, literário e crítico dedicado aos homens de cor. São Paulo, Ano 1. n. 3., 1 jan. 1916. 4 p.

PRIMUS, M. Episódio da Revolta da Ilha de São Domingos. **O Menelick**, São Paulo, Ano 1. n. 3., 1 jan. 1916. p. 1-2.

PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, jan./abr. 2004.

ANEXOS

ANEXO 1 – [Jornal] O Menelick (1916)

BRAZIL Capital, 1.º de Janeiro de 1916 E. DE S. PAULO

O MENELICK

Orgem mensal, noticioso, litterario e critico dedicada aos homens de cor

ANNO 1 | Redactor - Chefe : Deocleciano Nascimento | Redactor - Secretario : Geraldo de Souza | V. 3

Salve! Salve! Salve 1916!
Gentis leitoras e leitores

O «Menelick» deseja-lhes Boas Festas e que em vossos labios só hajam risos de alegria e fleicidades durante o decorrer de 1916!

Salve 1. de Janeiro de 1916!
SALVE!

Leitoras

«O Menelick», depois de passar quarenta dias sem o carinhoso affecto de vossas mãos delicadas — o berço gentil de sua alma, teve saudades de vós. E voltando novamente, aninhando-se ao lado da generosidade — belleza feminina, eil-o.

Eil-o jurando que d'ora avante virá todos os primeiros Domingos de cada mez trazer-vos novidades das estrellas e espera ser recebido com os habitudos e graciosos sorrisos de vossos labios de rosa! Emquanto que o seu humilde redactor atira aos vossos mimosos pés mil beijos de gratidão.

Episodio da revolta da Ilha de São Domingos

Tudo é barulho! As florestas, as plantações, as casas, emfim tudo que pelo fogo devastador possa ser consumido, arde, deixan-sahir fagulhas rubras que mais depressa fazem consumir aquellas riquezas.

Regresso de Yesper
Dedicado, A Mademoiselle...
F. Pinheiro
SÃO PAULO

*Na tarde melancholica de um sol desfeito
Da torre, o sino a gemer, em lamento,
Tendo o coração ao dissabor affeito;
Levo uma prece em cada pensamento*

*Os passaros em bando a procurar rejouso
Vão buscaado as palmas verdes-escuras
Porém, passou, aquelle momento saudoso
Em que meditavas minhas aventuras!..*

*Vêz! No infinito, morre a tarde plangente!..
Vêz, a noite, que vem lenta ap declinar
Donzella...não te accode na imaginação ar-
dente,
A allucinação delirante de amar...?*

*Lembras-te o amor do humilde é amor subido
Indelevel puro, e exaltado...
Amor eternamente sincero e commovido
Que vae alem de um tumulto fechado!..*

Compinas, 15 de Dezembro de 1915
MARINHEIRO

Ao longe somente vê-se uma pequena casa, que com os reflexos do fogo, tinha um aspecto fantastico.

Ali morava um pobre camponio, que não tinha um só escravo para o ajudar a cultivar o seu pequeno campo.

Habitava a'í ha muitos annos em companhia da filha e sua extremosa esposa.

Quando os bravos homens de cor declararam-se livres do vaioso jugo de malvados annos, o velho tinha-se fechado com sua familia em sua casa.

Agora, invocavam a Deus com ardente fervor, para que o Salvador tivesse delles piedade. O pobre homem pedia a vida de sua filha, linda, loura, mais loura que uma filha de Albion, que era menina e moça, pois estava na flor da mocidade.

E elle rogava, pedia, pedia sempre! Mas, oh horror! As suas preces nada valiam! E agora elle, quasi louco, vê approximar-se a hora da morte! Um enorme grito echoou pelas proximidades da casa! São

elles, os pretos

A minha fragu per ja-mais poderá descrever o pavor que tiveram. Os gritos já se ouviam perto! Agora arrombam a porta! Eil-os que entram, loucos, sem ouvir as suas lamentações.

Aquella turba, louca pelo desejo da liberdade — liberdade, esta palavra santa que todos os captivos ao ouvirem-na estremeceem, desejam-na ardentemente, que sacrificam-se por ella, dando até a propria vida! Que é o tudo para elles! Que é Deus, mãe, familia, patria, tudo! Esta faz despertar em seus animos exaltados o instincto sanguinario que estava sofregado por brutos.

Agora que estão livres. agora que estão senhores de si, vingam-se das humilhações que soffreram tão cruelmente. Então matam. incendiam, arrazam tudo que no seu caminho encontram. E aquella turba lançou-se sobre aquellos infelizes e já um preto, um dos mais ardentis chefes daquela memoravel revolta, estava com um punhal agudo sobre a babaça da moça!

Mas, oh milagre! Outro preto obsta que seu chefe consumma aquelle acto! Porque! porque elle ama. Ama com toda a sua alma aquella moça.

Então ella o reconheceu e suas faces que estavam lividas tornaram-se vermelhas como o carmin, teve vergonha, tinha-o insultado e agora ella via claramente aquella scena em que ella lhe dissera, no auge da raiva, — que negro não

Fonte: O MENELICK, 1916, p. 1.

ANEXO 2 – [Jornal] O Alfinete (1915)

O ALFINETE 5

Arquivo do "ALFINETE"

Durante a semana foram recolhidos ao arquivo:

As calças compridas do Mr. A. A. A.

O penteado da Mlle. C. P. L.

O nariz da Mlle. A. B.

As risadinhas da Mlle. N. C.

A paixão improvisada do Mr. E. P. S.

As unhas do Mr. A. G.

O nariz chato do O. P. S.

O sapato apertado da Mlle. V. A.

A elegancia do Néné.

As fitas da Mlle. O. L.

A prova do Mr. P. A.

O uniforme do Mlle. L. B.

O numero na Avenida do F. M.

O pedantismo do Mr. J. C. A.

A palheta do Mr. R. G.

Os passeios... do M. L. C. A.

A pressa do Mr. C. C.

A bengalinha do Tatico.

Atuga-se uma machina photographica a \$500 por mez.

Tratar no largo de S. Bento com mr. Chiquinho.

BOGAMBOLE.

Perfil masculino

Mr. P. A.

Magrinho, baixinho, moreninho, engracadinho é o nosso perfilado de hoje. Inteligentissimo. Imitando na sua andar o de um indio; deserto é para fazer com que as pernas estiquem! Reside nos Campos Elyseos e é assiduo frequentador da missa do Coração de Jesus.

Levou a pouco tempo uma forte tauboadá que o deixou prostrado durante 8 dias. Seus cabellos são castanhos e crespos. Usa seu pensamento repartido no meio deixando cair na festa dois graciosos cachinhos. Tem olhos oscuros e expressivos.

Quando conversa faz muitos gestos e além disso balança o corpo de um lado para o outro. Quando o vamos assim ficamos crentes que elle tem bicho sapateiro.

Traja-se todo de luto por ter morrido a alguns mezes seu pae. Usa palheta preta.

Seu passeio à tarde era pela rua General Osorio, porém agora não tem ponto marcado.

Gosta muito de conversar com suas pequenina em baixo das janelas.

Caldado, mr. Se algum dia é pegado pelos papás das meninas, cuidado!...

X. Y. Z.

Phrases celebres

Chico, Chico! Mlle. N. B.

Me empresta a caneta um pouco? E. G.

Mas que interessante não? Mlle. N. C.

Sabe de uma coisa. J. C. A.

Aquella é minha pequena. P. A.

Este mez não estudo. Mlle. M. E. S.

Elle é pedante, não. Mlle. C. P. L.

Ora veja, não? C. C.

Il eu tenho uma palva desse sujeito. Mlle. I. G.

E' verdade que elle sacreveu? Mlle. P. P. S.

Ella é bobal? E. P. S.

'Boa noite, Nair. A. A. A.

Eu fiquei nom medo mesmo. Mlle. A. B.

Me diga uma coisa, como vai 'cacé? Mlle. D. L.

Illustrizimo signore redatore

Ona mi acuntaruní fui o signore ia afundá um giornale. Ia stava toda a vendida com unios compagneros e quando mi diziram isto, fui em toda disguidada apurará oná qui era qui o signore murava, pra causa qui eu quira lhi escreve pra lhi mandá os meos crumprimentos, i mais os da mia familia.

Iu e mia familia acuntarunio toda e nairu xique do boretiro bem atraiz da quella cervexaria qui tieño lá.

A mia familia si consta de lu que me xama Gasparino, da mia mulher Viança, da mia filha Mariquiza e do mio filio Gasparininho també Gasparininho.

Io aperticipo pra signore qui só soeja incepa a A. A. Limonxiroso; é um clubi muito cotuba e qui tatus domonios juga um moticli na varria do carnuu.

Quando o signore quikera asiéti ou jo-go pode tre lá, qui lu dexo o signore entrá e lhi stranje um caixó pra signore si acentiá.

Tuda a varria do carnuu nó si s' frégi como no velodromo; ia si respecta o publico, i u piscalo qui xoga com tatus rapalzes riquesa i educados.

O capité xamo lu pra causa que lu xoga millore q' i tatus outro.

Domenica averá um Bratu maficli, contrao lili da flodastrosate e lu mando acuniá pra signore o resultado.

Iu, mia Viança, a Mariquiza e mais u Gasparino jumbo invia pra signore una porcé di votos di fidelidade pra stu novo giornale i pesço també qui tome una assinatura pra Mariquiza.

De amigo pra tuta vida.

GASPARINO I FAMILIA.

CONCURSOS

Dobkamos a cargo dos nossos leitores a votação para os dois concursos abaixo, que são:

Qual é no parecer de v. s., a menina, residente nesta capital, mais bonita?

.....

.....

Qual é no parecer de v. s., o menino, residente nesta capital, mais chic?

.....

.....

Os votos deverão ser enviados à nossa redacção.

Fonte: O ALFINETE, 1915, p. 5.

Recebido em: 06 ago. 2015.

Avaliado em: 25 set. 2015.

Publicado em: 31 dez. 2015.

Como referenciar este artigo científico:

VALÉRIO, Ana Cláudia Muniz Soares; OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. Redes editoriais afro-brasileiras: linhagens e procedimentos. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 2, p. 132-148, dez. 2015.

VALÉRIO, A. C. M. S.; OLIVEIRA, L. H. S. de. Redes editoriais afro-brasileiras: linhagens e procedimentos. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 2, p. 132-148, dez. 2015.